



CAMINHAR NO GELO

Werner Herzog

CAMINHAR  
NO GELO

MUNIQUE – PARIS  
DE 23 DE NOVEMBRO  
A 14 DE DEZEMBRO DE 1974



Prefácio de Pedro Mexia

Tradução de Isabel Castro Silva

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXI

## ÍNDICE

A TRADUÇÃO DESTE LIVRO FOI APOIADA POR UM SUBSÍDIO  
CONCEDIDO PELO GOETHE-INSTITUT, O QUAL É FINANCIADO  
PELO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS ALEMÃO.



© 2011, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *Vom Geben im Eis*  
© 1978, 1995, Carl Hanser Verlag München Wien

Título: *Caminhar no Gelo*  
Autor: Werner Herzog  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Prefácio: Pedro Mexia (texto originalmente  
publicado no jornal *Público*)  
Tradução: Isabel Castro Silva  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Abril de 2011

ISBN 978-989-671-081-1  
Depósito Legal n.º ?????/11

Prefácio	9
CAMINHAR NO GELO	13
Em vez de um posfácio	115
Nota biográfica	123

PREFÁCIO  
Lotte não pode morrer

*por Pedro Mexia*

«NO FINAL DE NOVEMBRO de 1974, um amigo ligou-me de Paris a dizer-me que Lotte Eisner estava gravemente doente e que provavelmente morreria. Eu disse que não podia ser, não agora, o cinema alemão ainda não a podia dispensar, não podíamos permitir que ela morresse. Peguei num casaco, numa bússola e num saco de desporto contendo o estritamente necessário. As minhas botas eram novas e robustas, confiava nelas. Segui pelo caminho mais directo até Paris, com a firme convicção de que ela viveria se eu fosse ter com ela a pé. Queria, além disso, estar a sós comigo mesmo.» Assim começa *Caminbar no Gelo*, diário de viagem de Werner Herzog, publicado originalmente em 1978.

Lotte Eisner foi uma historiadora e crítica de cinema alemã, autora de *O Ecrã Demoníaco*, indispensável estudo sobre o expressionismo. Herzog é um dos mais visionários cineastas germânicos, e há quarenta anos que nos mostra viagens espaciais, o fundo do oceano, a vida dos animais selvagens, paisagens apocalípticas, desertos africanos, cenários de guerra, poços de petróleo em chamas, e ainda anões,

vampiros, aventureiros cruéis ou sonâmbulos. Ninguém no cinema levou tão longe a premissa romântica de que qualquer ambição, por mais alucinada que seja, é atingível. Frequentemente, os seus anti-heróis lutam com uma natureza adversa e são capazes de façanhas inauditas, aliás repetidas pela própria equipa de Herzog: o caso mais conhecido é *Fitzcarraldo* (1982), sobre um barão da borracha que sonha em construir uma ópera no meio do Amazonas. Nem que seja preciso erguer um enorme barco a motor em terra firme, içado em encostas a pique.

A viagem de Herzog é tão forte como esses filmes. Herzog não queria que Lotte Eisner morresse, não a queria deixar morrer, diz e repete isso, que ela não vai morrer porque ele não deixa. E mete-se a caminho, de Munique a Paris, como se essa peregrinação salvasse a sua amiga. É um acto de pensamento mágico, um truque subjectivo que imagina ter algum poder sobre a realidade. Herzog partiu a 23 de Novembro de 1974, atravessou a Alemanha, entrou em França, e chegou ao destino no dia 14 de Dezembro. A viagem é uma odisseia quase religiosa, cheia de mantras, como os nomes das terras que atravessa e vai anotando. Tailfingen – Pfeffingen – Burgfelden – Schalksburg – Dürrwangen – Frommern – Roßwangen – Dottershausen – Dormettingen – Dautmergen – Täbingen – Gößlingen – Irstingen – Thalhausen – Herrenzimmern Bössingen. E depois Domrémy – Greux – Le Roises – Vaudeville – Dainville – Chassey – Cirfontaines – Harmeville – Soulaincourt – Saily – Noncourt – Poissons – Joinville.

Outra pessoa apanhava de imediato um avião e estava em Paris numa hora e meia. Werner Herzog preferiu demorar três semanas, porque acreditava que quanto mais tempo demorasse mais tempo Lotte tinha para ficar boa. Ele confiava nos sonhos mais tresloucados, e nada impedia que aquela viagem de Inverno adiasse a morte de alguém.

Herzog atravessa bosques, aldeias, rios, vinhas, passa por radares, locais históricos, inscrições religiosas, vê corvos, cães, veados, extasia-se com as estrelas, avança pelo vento e o nevoeiro, sofre a chuva e a neve. O diário de viagem de Herzog, que não tem imagens, remete no entanto para a mais importante iconografia do romantismo: os quadros de Caspar David Friedrich, com personagens solitárias no meio de paisagens inóspitas mas sublimes.

Herzog não escondeu essa motivação: tinha vontade de estar sozinho. Sentia-se bem sozinho, atravessando o seu país, e aprendia com aquela solidão. A solidão, escreve Herzog, «pressupõe momentos dramáticos». E «dramáticos» aqui é uma palavra esperançosa. A viagem através do gelo, que convocava imagens e emoções da sua obra e de toda a cultura alemã, era também uma viagem interior. Há momentos em que Herzog está muito cansado, e quando chega ao fim já nem sente os pés, mas repetiu na sua cabeça que Lotte Eisner não ia morrer, que ele não deixava, e os pés fizeram o sacrifício que a cabeça exigia, a prova de um pensamento mágico.

Quando chegou a Paris, encontrou a quase octogenária Lotte doente mas estável. «Alguém lhe deve ter dito por

telefone que eu tinha chegado a pé — eu não queria revelá-lo. Sentia-me embaraçado e pousei as pernas doridas numa segunda cadeira que ela empurrou para perto de mim.» Em silêncio, ela agradece o esforço, ele está esfusiante por ter conseguido. Lotte Eisner morreu em 1983, e só não morreu nove anos antes porque em 1974 Werner Herzog não a deixou morrer.

## NOTA PRÉVIA

No final de Novembro de 1974, um amigo ligou-me de Paris a dizer-me que Lotte Eisner estava gravemente doente e que provavelmente morreria. Eu disse que não podia ser, não agora, o cinema alemão ainda não a podia dispensar, não podíamos permitir que ela morresse. Peguei num casaco, numa bússola e num saco de desporto contendo o estritamente necessário. As minhas botas eram novas e robustas, confiava nelas. Segui pelo caminho mais directo até Paris, com a firme convicção de que ela viveria se eu fosse ter com ela a pé. Queria, além disso, estar a sós comigo mesmo.

O que escrevi pelo caminho não foi pensado para leitores. Agora, quase quatro anos volvidos, senti uma estranha comoção ao segurar novamente no pequeno caderninho, e o desejo de mostrar o texto a outras pessoas, a desconhecidos, impôs-se ao pudor em abrir a porta ao olhar de estranhos. Omiti apenas algumas passagens demasiado privadas.

W. H.  
Delft, Holanda,  
24 de Maio de 1978

Sábado, 23 de Novembro de 1974

**A** O FIM DE QUINHENTOS metros fiz logo a primeira paragem, no hospital de Pasing, a partir daqui viraria para ocidente. Com a ajuda da bússola determinei a direcção de Paris, agora já sei para que lado fica. Achternbusch tinha saltado de um autocarro Volkswagen em andamento, escapou ileso, mas mais tarde tentou de novo e partiu a perna, agora está numa cama na sala cinco.

O problema vai ser o Lech, disse-lhe eu, porque tem tão poucas pontes. Talvez os moradores da aldeia ajudem a atravessar para o outro lado do rio num barco? Herbert deita-me as cartas, cartas minúsculas, do tamanho da unha do polegar, duas fileiras com cinco cartas cada, mas não sabe como interpretá-las pois perdeu a folha com as soluções. Entre elas *The Devil*, e na segunda fileira *The Hanged Man*<sup>\*</sup>, enforcado de cabeça para baixo.

Sol, parece um dia de Primavera, que surpresa. Como sair de Munique? O que ocupa as pessoas? As caravanas, os carros sinistrados para venda, a lavagem automática de

\* Em inglês no original. (N. da t.)



carros? O pensamento introspectivo comporta a seguinte descoberta: o resto do mundo rima.

Um único pensamento domina todos os outros: partir. As pessoas fazem-me medo. A Eisnerin não pode morrer, não morrerá, não o permito. Não agora, não pode. Não, não morrerá agora, porque não morrerá. Os meus passos são firmes. E agora a Terra treme. Quando caminho, é um bisonte que caminha. Quando descanso, é uma montanha que descansa. Pobre de mim! Não pode morrer. Não vai morrer. Quando eu chegar a Paris, ela estará viva. Não será de outra maneira porque não pode ser de outra maneira. Ela não pode morrer. Mais tarde talvez, quando nós o permitirmos.

Num campo molhado da chuva, um homem agarra uma mulher. A erva está partida e suja.

O gêmeo da perna direita talvez venha a dar problemas, o pé esquerdo possivelmente também, à frente, no metatarso. Quando caminhamos passam-nos tantas coisas pela cabeça, o cérebro lateja. Agora quase se dá um acidente, escassos metros diante de mim. Os mapas são a minha paixão, os jogos de futebol começam, em campos baldios traça-se a linha do meio. Bandeiras do Bayern na gare de Aubing (Germering?). O comboio deixou um rasto de papéis atrás de si, um remoinho que se manteve longo tempo até que a última carruagem desapareceu. Na minha mão sentia ainda a mão pequena do meu filho pequeno, aquela mãozinha estranha cujo polegar se deixa dobrar até ao pulso de maneira tão peculiar. Detive-me a olhar para o remoinho de papéis, e era

como se o coração se me quisesse rasgar. As duas horas da tarde aproximam-se lentamente.

Germering, estalagem, as crianças festejam a primeira comunhão; uma banda de sopros, a empregada traz bolos na bandeja que os clientes sentados na mesa comum tentam tirar à socapa. Estradas romanas, fortes célticos, a imaginação trabalha freneticamente. Sábado à tarde, as mães com os filhos. Como são as brincadeiras das crianças? Não como os filmes as mostram. Seria preciso um par de binóculos.

Tudo isto é muito novo, um novo pedaço de vida. Ainda há pouco estava numa passagem aérea, por baixo de mim: um troço da auto-estrada para Augsburg. Do meu carro vejo por vezes as pessoas que se detêm na passagem aérea sobre a auto-estrada e ficam a olhar, agora sou uma delas. A segunda cerveja já começa a descer-me aos joelhos. Um rapaz coloca um cartaz entre duas mesas, fixando as duas pontas do fio com fita-cola. Vai à volta, grita o grupo da mesa comum, por quem se tomam, diz a empregada, depois a música recomeça, muito alta. O grupo gostaria de ver o rapaz a levantar a saia da empregada, mas ele não arrisca.

Só no cinema tomaria tudo isto por verdadeiro.

Não me preocupa saber onde vou dormir. Um homem com calças de cabedal brilhantes caminha para leste. «Katharina», grita a empregada segurando à altura das coxas um tabuleiro com pudins, grita em direcção a sul, pois agora reparo nestas coisas. «Valente», grita de volta alguém do grupo, que começa a rir-se. Um homem na mesa ao lado, que eu julgava ser um camponês, desvenda-se finalmente,

## Sábado, 30 de Novembro

**A**INDA EM TAILFINGEN. Chegámos por um túnel onde estavam carros estacionados, a polícia passava multas. Passámos por eles apupando-os e gesticulando toda a espécie de impróprios. Em casa quis antes de mais livrar-me da desordem reinante e deitei tudo fora, sobretudo papelada velha. De repente encontrei entre a confusão duas revistas da polícia, e lá dentro imagens tão belas como nunca tinha visto. Eram fotografias de um qualquer país, e eu já mal conseguia respirar. Mas como é que uma coisa destas aparece numa publicação da polícia? Neste país percorri um caminho ladeado por um grupo magnífico de árvores gigantes. Lá em cima, no cume, havia uma casa magnífica, um verdadeiro palácio, de tecto baixo, todo ele feito de bambu mas inconceivelmente bonito. Ouvia-se o grito de papagaios, depois os gritos de mulheres e crianças. Cascas de nozes que alguém lá em cima comia caíam no chão. Subitamente percebi que se tratava do Palácio de Lon Nol. Atormentou-me a vontade de saber como tudo isto era possível, uma vez que ele ficara paralisado depois de um ataque de apo-

plexia. Depois, a caravana do casal Richthofen, o homem era D. H. Lawrence. À frente, no lugar do condutor, estavam as crianças, uma rapariga de onze anos, um rapaz de dez. Atrás dormiam os pais; as crianças levantam-se para fazer xixi. Chega então silenciosamente um veículo militar seguido por uma estranha comitiva que não é suposto ser vista por ninguém. Não se apercebem da presença das crianças porque a sombra de um arbusto esconde-as. Um cortejo de feridos é transportado sobre macas, mas estão de tal modo desfigurados que a população não pode saber da sua existência. São acompanhados por enfermeiras que carregam sacos de soro com os braços levantados, e os feridos estão ligados entre si por um sistema em cadeia. O soro corre de um corpo para o outro e assim sucessivamente. Um deles, que está a meio da fila, morre durante o transporte, e a enfermeira cambojana está demasiado ensonada para notar. Quando se descobre o caso, ela é repreendida, pois o soro pára no morto e já não passa para o próximo ferido, a fila inteira depois dele fica assim em privação. Depois passa um biplano, de modelo antigo, pilotado com tanta precisão que levantou do chão um lenço com a ponta da asa. Fabriquei napalm com Farocki, depois fomos experimentá-lo ao ar livre, perto de uma lixeira, precisávamos dele urgentemente para uma demonstração do terror. Fomos apanhados mas negámos tudo. Ouvi corvos, levantei-me de um salto e abri a janela bruscamente — quase no escuro ainda, um bando de corvos sobrevoava a cidade. Uma cidade branca, coberta de neve. A manhã irrompe da escuridão cerrada, isto não é

um sonho. Antes de o grande armazém abrir, um vendedor traz para a rua um cavalo de baloiço sobre um carrinho e liga-o com um cabo à corrente. Por todo o lado, os donos das lojas limpam o passeio com pás.

Neve funda à saída de Pfeffingen; pela floresta, pela estrada abaixo, a água corre à minha velocidade, muito plana, em ondas que pulsam estranhamente, vê-se sal espalhado a toda a volta. Um carro saiu da estrada, caiu num pequeno barranco e foi bater na única macieira à vista. Um grupo de jovens e dois camponeses opinam que seria possível puxá-lo às arrecuas de volta para a estrada, mas para isso a força dos braços não chega. Tentamos mover o carro — um esforço simbólico.

Decisão: seguir por Burgfelden em vez de Zillhausen. A neve cai em flocos espessos mas sem vento, menos mal. Colina acima até Burgfelden, paisagem cada vez mais feérica, faias gigantescas formam um tecto com as copas, tudo coberto de neve e tudo com um ar desolado. Dois velhos camponeses oferecem-me limonada, porque a única vaca que têm não deu leite. Decisão: tomar o atalho pela montanha de Schalksburg. E que atalho! Neve até aos joelhos, nenhum trilho visível, cruzo um campo, depois a passagem estreita-se numa cumeada íngreme, agora já se reconhece o caminho. Pegadas de animais selvagens. As árvores e arbustos parecem perfeitamente irreais, flocos gordos de neve ficam presos mesmo aos ramos mais finos. A neblina levanta e, em tons de cinzento e preto, vejo muito lá em baixo uma povoação. Depois uma descida abrupta pela

floresta em direcção a Frommern. Lá em baixo, o tempo é mais húmido, parou de nevar, a erva molhada volta a aparecer, fria e feia. Balingen, Frommern, uma paisagem invariavelmente feia e inexpressiva em comparação com o caminho pela montanha. Roßwangen, descanso numa paragem de autocarro. Passa uma criança com uma bilha de leite, observa-me com um olhar tão sobranceiro que não me atrevo a olhar de volta.

Depois neve, neve, neve-chuva, chuva-neve, amaldiçoado a criação. Para quê tudo isto? Estou tão molhado até aos ossos que me desvio das pessoas com quem me cruzo nos campos alagados para não ter de as encarar. Antes de chegar a uma aldeia sinto-me incomodado. Se encontro crianças, tento passar por alguém que vive ali na povoação. Numa floresta, chegando a uma zona que estava a ser desmatada, forço a entrada na caravana dos lenhadores. Não há cerveja lá dentro, apenas desarrumação, capacetes de plástico, óculos de protecção, quantidades industriais de decapante, tenho de abrir a janela para conseguir respirar, é um espaço demasiado apertado para dormir.

Tailfingen – Pfeffingen – Burgfelden – Schalksburg – Dürrwangen – Frommern – Roßwangen – Dottershausen – Dormettingen – Dautmergen – Täbingen – Gößlingenz – Irstingen – Thalhausen – Herrenzimmern – Bösing. Volta e meia viro o bolso do casaco do avesso e, como se fosse um trapo molhado, faço escorrer a água. Em Irstingen, um casamento na pousada. Sobre a terra estendem-se tons de cinzento e de negro e nuvens de tempestade. A neve

molhada cobre os campos, chega a escuridão, tudo é ermo, nenhuma aldeia, nenhuma pessoa, nenhum abrigo. Na estalagem de Herrenzimmern anuncia-se qualquer coisa sobre alugar quartos a estrangeiros, a sala está vazia à exceção da mesa dos clientes habituais. Atrás do balcão, um tipo pálido, borbulhento, da minha idade ou perto disso. Pergunto se tem um quarto onde possa passar a noite e a primeira coisa que ele faz é mirar-me de alto a baixo. Cortou-se de manhã ao fazer a barba; tem tantas borbulhas que, por cortesia, olho apenas para as suas mãos. Terá de perguntar primeiro, diz ele, para depois anunciar o seu veredicto de trás da porta. Está tudo ocupado, diz ele ao voltar, quando à minha volta está tudo vazio. Os clientes sentados à mesa, em silêncio, parecem estar do lado dele, não querem dar um quarto a um tipo como eu, quem sabe se ele terá dinheiro, é o que parece dizer uma cara ovina. Estou demasiado enregelado para conseguir pensar numa alternativa.

Em Bösingem sou acolhido numa casa privada, duas mulheres, uma avó e a filha, compadecem-se de imediato de mim, e isso faz-me bem. Dão-me chá de menta, fritada de ovos, um banho quente. Na televisão, o boletim meteorológico diz que amanhã fará melhor tempo durante o dia. A mulher trabalha em casa, faz sutiãs cor-de-rosa que se amontoam na cozinha. Queria sentar-me ao lado dela, observá-la, mas estou demasiado cansado.

Pelo caminho tinha apanhado folhas soltas do chão, é o caderno central de uma revista pornográfica que alguém rasgou em tiras. Tento reconstruir as imagens tal como elas

inicialmente seriam, de onde vem este braço que toca nou-  
tro, de onde vêm estas pernas entrelaçadas? O que mais salta  
aos olhos é que as mulheres, ainda que nuas, usam muita bi-  
juteria da mais barata. Uma das mulheres é loura, o homem  
tem unhas estragadas, o resto são fragmentos de sexos.

## Domingo, 1 de Dezembro

UM GATO QUASE sem dentes choraminga à janela, lá fora tempo enevoadado e chuvoso. É o primeiro dia do Advento e em apenas três dias talvez consiga chegar ao Reno.

Pela primeira vez o sol volta; pensei que isso me faria bem, mas depois, a meu lado, a minha sombra começa a espiar todos os meus movimentos, às vezes segue também à minha frente, pois caminho para ocidente. Ao meio-dia, lá estava ela agachada, a sombra, à volta das minhas pernas, o que me causou um medo indescritível. A neve esmagou o tejadilho de um carro, que estava plano como um livro. Grande parte da neve derreteu durante a noite, aqui subsistem grandes manchas, no cimo da colina o manto de neve mantém-se intacto. Campos a perder de vista, terra montanhosa, alguma floresta pelo meio, os campos retomaram a sua cor acastanhada. Lebres, faisões. Um faisão parecia louco, dançava, girava, emitia estranhos sons, mas não era o ritual de acasalamento. Parecia cego, não me via. Podia tê-lo agarrado sem mais, com as mãos, mas não o fiz. Pelas encos-

tas das pastagens correm pequenos regatos até à estrada. No caminho por entre um campo brota uma fonte, e lá em baixo o ribeiro é tão largo como um lago. Os corvos lutam por qualquer coisa, um deles cai à água. Num dos campos alagados está uma bola de futebol esquecida. Os troncos das árvores soltam vapor como criaturas vivas. Descanso num banco à saída de Seedorf porque a virilha me está a dar problemas, já à noite o sentia e não sabia como havia de pôr a perna. Doze marcos, foi quanto paguei pelo quarto, refeições incluídas. Os troncos serrados parecem uma superfície de prata em contraluz, emanam vapor. Pintassilgos, busardos. Os busardos acompanham-me até Munique.

Não sou o único a quem Lotte Eisner deu asas. Agradeço-lhe. E agradeço-vos, minhas senhoras e meus senhores, pela vossa atenção.

Werner Herzog  
12 de Março de 1982

## NOTA BIOGRÁFICA

WERNER HERZOG, cujo verdadeiro nome é Werner Stipetić, nasceu em Munique a 5 de Setembro de 1942, filho de pais croatas. É um dos autores de referência do Novo Cinema Alemão, no qual se enquadram também Rainer Werner Fassbinder e Wim Wenders, entre outros.

Herzog desde cedo lidou com o abandono e com a inconstância. Quando regressou de um campo de prisioneiros de guerra, o seu pai abandonou a família, que acabou por mudar-se para Sachrang, pequena povoação na Baviera, para fugir aos bombardeamentos do fim da Segunda Guerra Mundial. Herzog e a família regressaram a Munique em 1954, partilhando um apartamento com Klaus Kinski, o actor com quem o cineasta viria a trabalhar mais intensamente.

Werner Herzog estudou história, literatura e música na Universidade de Munique e na Universidade de Duquesne, nos Estados Unidos. Durante esta época viajou por vários países — México, Inglaterra, Grécia e Sudão.

Aos 14 anos, Werner Herzog iniciou-se no cinema, quando leu a entrada de uma enciclopédia sobre realização de filmes e roubou uma câmara de filmar de 35 mm da Munich Film School. Foi quanto bastou para se transformar num dos cineastas mais importantes do século xx. Na década de 1960, trabalhou à noite como soldador, numa fábrica de aço, para financiar os seus primeiros filmes.

Em 1968, filmou a sua primeira longa-metragem, *Herakles*, galardoada com o Grande Prémio do Júri no Festival de Berlim. Werner Herzog é autor de 18 longas-metragens e de dezenas de curtas-metragens e documentários. Entre os seus filmes mais conhecidos, contam-se *Nosferatu*, *o Fantasma da Noite*, *Fitzcarraldo*, *Woyzeck*, *Aguirre*, *a Ira de Deus* e *Cobra Verde*. Ao longo da sua carreira, o cineasta foi galardoado com vários prémios e distinções. Desempenhou também papéis como actor, tendo ainda assinado alguns trabalhos como argumentista. Dirigiu dezenas de óperas e algumas peças de teatro. Escreveu, para além de *Caminbar no Gelo*, dois livros sobre o seu filme *Fitzcarraldo*. Com Paul Cronin, escreveu *Herzog on Herzog* e, com Lena Herzog, sua mulher, escreveu *Pilgrims: Becoming the Path Itself*.

Actualmente, Werner Herzog vive em Los Angeles, nos Estados Unidos.



NESTA COLECÇÃO

*Morte na Pérsia*

Annemarie Schwarzenbach  
(trad. Isabel Castro Silva)

*Nova Iorque*

Brendan Behan  
(trad. Rita Graña)

*Uma Ideia da Índia*

Alberto Moravia  
(trad. Margarida Periquito)

*Histórias Etíopes*

Manuel João Ramos

*Paris*

Julien Green  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*Na Síria*

Agatha Christie  
(trad. Margarida Periquito)

*O Japão é Um Lugar Estranho*

Peter Carey  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*A Viagem dos Inocentes*

Mark Twain  
(trad. Margarida Vale de Gato)

*Veneza*

Jan Morris  
(trad. Raquel Mouta)

*Viva México*

Alexandra Lucas Coelho

*Caderno Afegão*

Alexandra Lucas Coelho

*Jerusalém – Ida e Volta*

Saul Bellow  
(trad. Raquel Mouta)

*Disse-me Um Adivinho*

Tiziano Terzani  
(trad. Margarida Periquito)

*Caminhar no Gelo*

Werner Herzog  
(trad. Isabel Castro Silva)